

NEJAR, Carlos. *A Idade da Aurora*. São Paulo: Massao Ohno, 1990. 202 p.

Comemorativo aos trinta anos de lançamento de seu primeiro livro de poesia, *Sélesis*, Carlos Nejar, após algumas incursões pela poesia dirigida às crianças, retorna à composição maior com o lançamento de *A Idade da Aurora*, subdividido em três grandes poemas ou livros, independentes e interligados, cantando, simultaneamente, o passado e futuro da terra brasílica no contexto latino-americano e o surgimento do homem brasileiro, bem como suas características culturais.

A Idade da Aurora é livro de grande fôlego, em que se destacam algumas tendências já verificáveis em obras anteriores do poeta: a preocupação épica (e portanto narrativa) leva-o ao abandono parcial da estrutura do poema para a adoção da forma de prosa corrente (enquanto estruturalmente o poeta denomina cada livro ou canto como rapsódia). Por outro lado, à semelhança de livros anteriores, existem personagens que animam a narrativa, plena de movimento (não apenas através das figuras de estilo quanto da própria ação: observe-se que, ao final dos dois primeiros livros, as personagens deixam o sítio em que se encontravam para buscar novas terras, o que evidencia a marca histórica da conquista e ocupação do País, que foi a mobilidade). Por fim, retomando antigos temas, como aquele de *O Campeador e o Vento*, sobretudo elementos como o Tempo e o Vento, aliás também presentes na obra romanesca de Erico Verissimo, Carlos Nejar revitaliza-os e os atualiza, unificando definitivamente sua poesia. Mais que isso, o poeta, hoje integrante da Academia Brasileira de Letras, preocupa-se também em incluir e quase que nomear explicitamente algumas influências literárias que transforma em citações, bastando verificar-se passagens como a do cavalo Rozindo

(Guimarães Rosa) ou a denominação da principal personagem, o herói João Serafim, que remete duplamente a Oswald de Andrade (pelas personagens de João Miramar e Serafim Ponte Grande).

Do ponto de vista estilístico, observa-se que Nejar recupera plenamente o grande discurso que caracterizara sua poesia durante os anos de sessenta e setenta, ao mesmo tempo em que amplia a tendência adagiária, tornada clássica desde Erasmo, ao construir provérbios e sentenças que servem como espécie de pontuação, reiteração e apoio para um novo movimento metafórico. Assim, por exemplo, existem construções que se valem de locuções verbais claramente sentenciosas como "Amar é cercar de olhos e mãos o que vive" (p. 97) ou "Ordenar é ir pondo equilíbrios no tempo" (p. 137) ou afirmações proverbiais como "Amor não se presume. Se completa" (p. 66). "Não morre, quem ama. Nem o ser amado" (p. 151) ou ainda "Os escuros têm clareza" (p. 184).

Poesia marcada pela religiosidade naquilo que o elemento épico tem de gênese, *A Idade da Aurora* constitui-se numa bela memória (isto é, história) da cultura brasileira, identificada plenamente com a natureza, marcada por sucessivos encontros e abandonos entre partes diversas que se afirmaram enquanto natureza e cultura (e que, por isso mesmo, escreveram e deixaram seus traços na areia, não conseguindo, porém, como o grande José de Anchieta na praia de Iperoigüe, recuperar aquela memória). Para o poeta, dessa forma, o Brasil se explica enquanto emoção, e se existe certo ufanismo no símbolo do brasileiro que é João Serafim, a alargar-se pelos céus pelas asas da águia Abélia, após o encontro amoroso com Alva, reconhece o poeta que essa memória é feita de morte e de dor e que só se recupera através da Palavra (isto é, da Poesia), tarefa a que, em última análise, se propôs ele.

Podendo ser lido enquanto poesia ou enquanto narrativa em prosa, *A Idade da Aurora* ganhou edição cuidada na sua mancha gráfica e, embora a reprodução das telas de Iberê Camargo não possa ser devidamente valorizada, eis que a pintura de Iberê é escura por natureza e sua reprodução em preto-e-branco não lhe guarda fidelidade, revela, na verdade, uma fidelidade do próprio poeta a seus velhos amigos, o que é, de qualquer maneira, respeitável.

Antonio Hohlfeldt
Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul